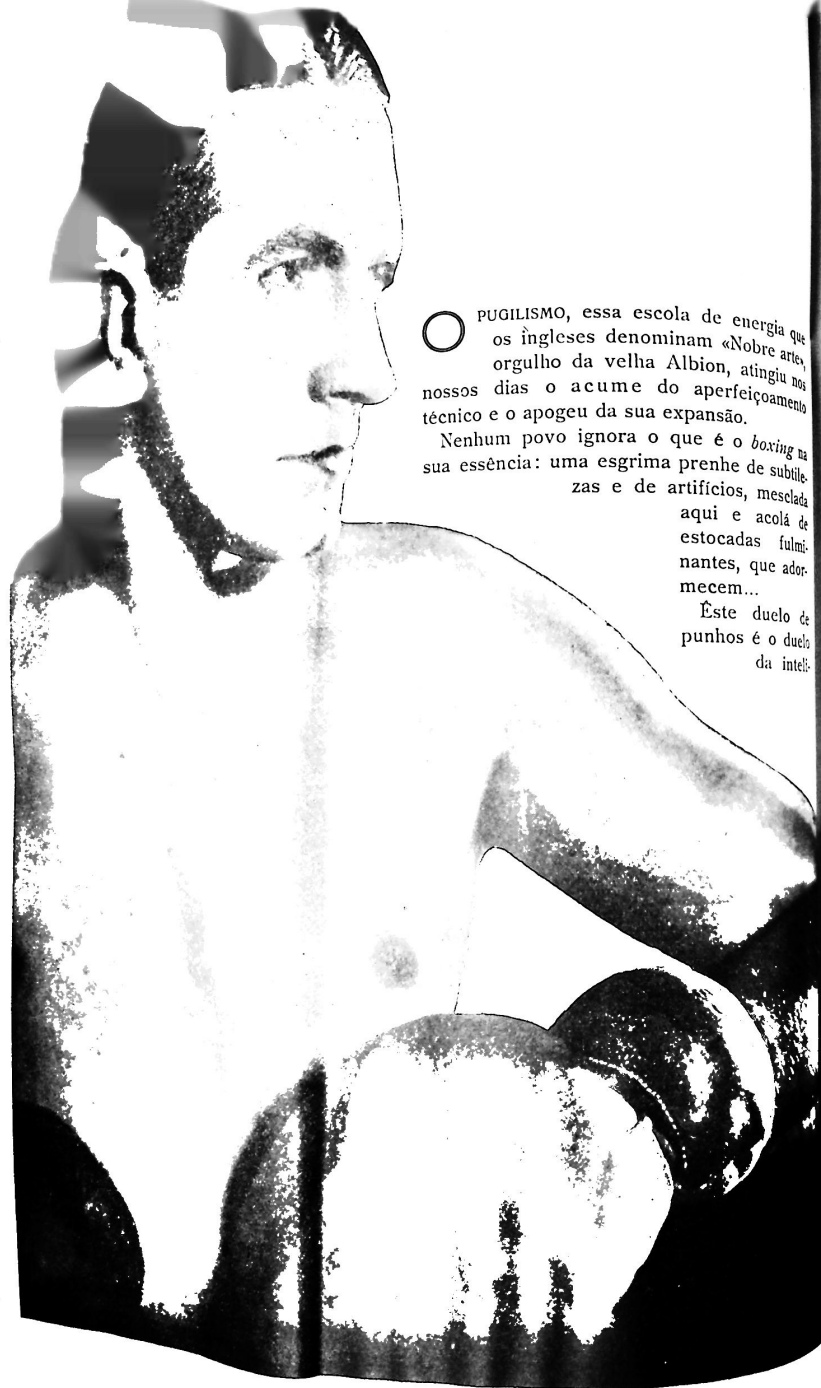




○ PUGILISMO, essa escola de energia que os ingleses denominam «Nobre arte», orgulho da velha Albion, atingiu nos nossos dias o acume do aperfeiçoamento técnico e o apogeu da sua expansão.

Nenhum povo ignora o que é o *boxing* na sua essência: uma esgrima preñe de subtilidades e de artificios, mesclada aqui e acolá de estocadas fulminantes, que adormeceem...

Este duelo de punhos é o duelo da intelli-

gência viva, perspicaz. É, simultaneamente, a aliança de todos os esforços, conjugados na mesma directriz, pendendo para a mesma vertente. No pugilismo há *raffinements* adoráveis, como o da sobriedade na apresentação e o ideal para que tende a harmonia das linhas. Em nenhum outro desporto o homem vem mais nú.

Esta exclusão do superfluo permite que o *boxing* se aproxime da escultura animada, dinâmica. Toda essa colecção de imagens, focadas durante o *match*, são outras tantas poses artísticas.

Atinge o ideal da dissecação anatómica quando o treino limpou por completo o corpo do atleta. Aquele nem um grama de carne inactiva, balofa, pôde resistir, permanecendo por entre os músculos.

Ainda, apreciado por este prisma, o pugilismo tende para a sobriedade e para o aligeiramento.

Mas onde o *boxing* marca uma posição é na técnica da sua própria arte. Todo o grande *boxer* reduz ao mínimo o seu esforço para

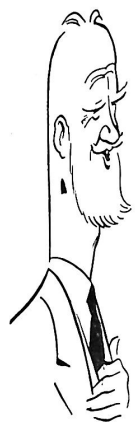
O que foi, e o que é da Arte do «Box»

conseguir o melhor resultado. Nada de movimentos inúteis, nem de atitudes excusadas. No pugilismo a noção de tempo e a de distância andam ligadas à noção de esforço. Desta intimidade nasce a eficaciedade.

Nesta arte



C I V I L I Z A Ç Ã O



Bernardo Shaw é, apesar da sua longa idade, um dos maiores adeptos do «boxing»

transparente, todo o movimento é pensado, todo o gesto uma ideia. Por isso a esgrima do punho, menos rígida nas suas atitudes e menos convencional, ultrapassa a esgrima das armas, relegando-a para um lugar secundário. Mas o *boxing* teve de evoluir para que atingisse um grau tão elevado de progresso.

Nasceu na Grécia, nas margens do Hyssus, como nos conta Homero.

As lutas primitivas eram choques rudes, terminando a vitória com a morte, e em pleno Estádio coroa-se o vencedor, adorando-o como a um semi-Deus.

Estes pugilistas dos tempos pre-históricos

usavam as mãos envolvidas em *caestos* ou manípulos, compostos de correias sabiamente dispostas e armadas com aguçados dentes de metal. A ciência era então uma função da resistência física do atleta.

Como passou para a Inglaterra o gosto moderado deste terrível exercício? Em

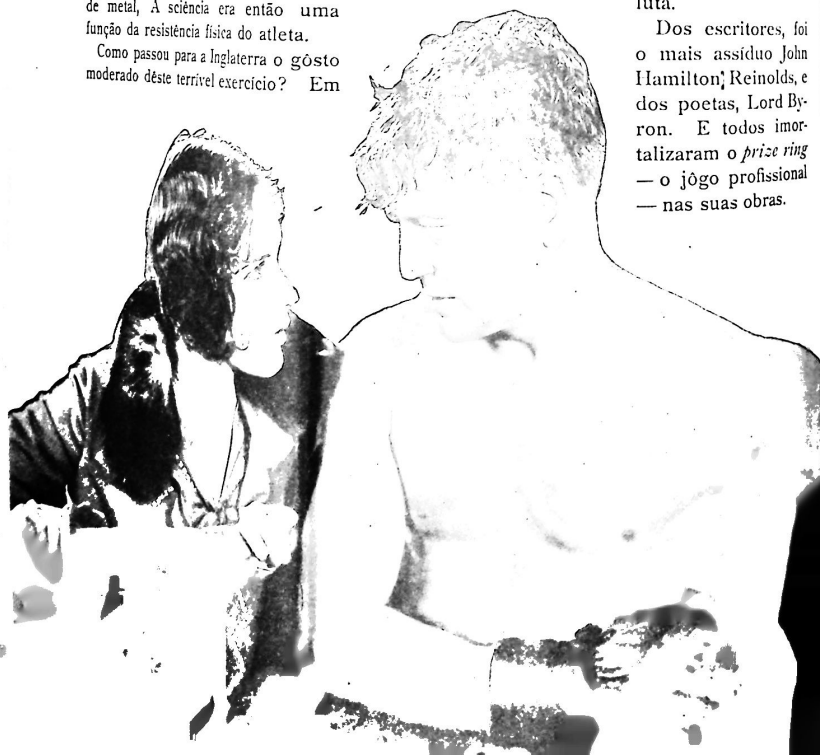
que época? Não se podem localizar dentro da História os dois fenómenos. Sabe-se que, depois da ascensão ao trono dos príncipes da casa do Hanover, voltou o gosto pelo jogo dos punhos, e começou realmente o crescimento do *sport* do *boxing*.

Em 1719, James Figg ganhou o campeonato de Londres e ficou *Rei do Ring* — o rectângulo encantado da luta — até à sua morte. Vieram depois outros que conquistaram os favores da turba, e até da classe nobre: a *gentry*. O pugilismo aproximava a plebe da aristocracia. Primeiramente por necessidade, depois cedendo à admiração.

O duque de Cumberland protegeu o campeão Broughton, convidando-o a fazer parte da sua comitiva e tratando-o com especial deferência. Desta época vem o apodo de Nobre Arte, que é uso corrente aplicar-se ao «Self-defense».

A ligação íntima entre o Lord e o *fighter* (lutador) conquistou também o escritor e o poeta. A vida inglesa não dispensava o *boxing*, e foi por isso que o pugilismo se tornou um desporto. Ninguém tinha pejo de rodar à volta dum *ring* durante os espectáculos das Academias, vastos barracões, confortáveis, mas recintos ideais para a luta.

Dos escritores, foi o mais assíduo John Hamilton, Reynolds, e dos poetas, Lord Byron. E todos immortalizaram o *prize ring* — o jogo profissional — nas suas obras.



C I V I L I Z A Ç Ã O

Em França, Béranger depreciou o pugilato anglo-saxónico, numa ode que se tornou popular; e Victor Hugo deixou-nos, em *L'Homme qui rit*, algumas páginas curiosas descrevendo um assalto de *boxing* entre o escossês Helsingail e o irlandês Phelem Ghe Madone.

Esta atracção que sente o artista, especialmente o literato, pelo jogo do punho, ainda hoje se mostra vigorosa nos belos escritos de Bernard Shaw, de Maeterlinck e de Conan Doyle. Mas noutras eras recuadas, pelos meados do século dezanove, por exemplo, o contacto foi mais directo entre o sóco e a pena.

Keats, o grande poeta romântico, assistiu sem rubor ao combate entre Randall e Turner, dando assim o seu voto de assentimento ao pugilato moderno.

O actor inolvidável que foi Kean pagou ao *ring* um tributo de gratidão que é dos mais avantajados: copiando dos lutadores algumas atitudes trágicas para o papel de Richard, na peça de Shakespeare.

Hazlett disse algures que deve a uma inspiração de momento, nascida quando assistia ao encontro entre Bill Neate e Gasman, a sua ode mais célebre: «A modéstia deve acompanhar o valor como a sua sombra».

Com Hazlett, vem Barrow, cujo elogio a Tom Spring é um dos seus melhores poematos. E depois dos citados poder-se-hão

ajuntar tantos quantos a paciência dos investigadores queira, reforçando o número dos entusiasmados.



Gene Tunney, o campeão do mundo de «box» de todas as categorias, que deixou há pouco o «ring», após a sua vitória por K.-O. sobre Tom Henney.

O *boxing* teve a seu lado uma grande força, antes de impor-se à turba. E hoje, após um século, duques e milionários vão ainda de braço dado com a plebe assistir ao choque dos grandes atletas.

Um português de origem semítica teve a fortuna de amar o *boxing* com o fervor dum anglo-saxão.

Seu pai fôra um rico comerciante de vinhos natural do Porto, que abandonou o nosso país em 1758, acossado, juntamente com outros judeus, pelas leis draconianas do Marquês de Pombal.

Em 1763, o velho Isaac Mendonça, agora estabelecido em Londres na *Whitechapel Road*, baptizou o seu primeiro rebento com o nome de Daniel.

Passaram-se anos, e o futuro *wine merchant* achou-se mais pobre que Job e a braços com o sustento duma família numerosa. Seu pai morrera, deixando-lhe um pesado encargo. Por isso o encontramos no ano de 1782 dedicado ao ofício de ferreiro.

No bairo eram frequente os pugilatos,



C I V I L I Z A Ç Ã O

e os estrangeiros, que o costume fizera apelar de *Frenchy* sem distinguir as nacionalidades, saíam sempre derrotados. Mas Mendonça foi-se distinguindo na esgrima dos punhos, partindo a este o nariz, àquele vazando um olho, e as circunstâncias içaram-no até à celebridade.

Indiscutivelmente, o ferreiro de Whitechapel Road, fazia um nome no *ring*!

Quando, a 3 de Maio de 1786, o *boxer* Rich. Humphries ficou ídolo dos ingleses por ter batido Fight Martin, o aplauso foi unânime. Conquistara a glória perante toda a *gentry*, e o Príncipe de Galles, mais tarde proclamado rei sob o nome de Jorge IV, assistiu à luta, acompanhado pelo Duque de York e por «Filipe Igualdade», o bizarro Duque de Orleans cuja cabeça rolaria no cadafalso no dia 6 de Novembro de 1793.

Diga-se de passagem que nestes tempos o «snobismo» imperava. O protector de Humphries, o liberal Lord Brady, tinha a seu sóldo o musculoso atleta por simples luxo.

Estava em moda essa extravagância. Por isso, o duque de Wharton, amante das corridas, criara uma original *écurie* de pedestrianistas. E a rivalidade chegou a ponto de desafiar Lord Diston e os seus corredores. De facto, a aposta efectivou-se, num percurso de quatro milhas, e após 18 minutos o duque aceitou mil libras como prémio da vitória do seu homem.

Foi Lord Diston quem descobriu no judeu Daniel Mendonça o futuro campeão de sóco, o homem que derrubaria Humphries do seu pedestal.

O britânico era estimado a ponto de o suporem invencível.

O anúncio de que Humphries ia reaparecer e bem assim a confiança posta no luso aumentavam o interesse no encontro. Os organizadores, prevendo uma enchente, fixaram o preço da entrada em *meio guineu*, que para o tempo era uma exorbitância.

O recinto transbordou de espectadores no dia da luta. À entrada, uma dúzia de pugilistas mantinha a ordem pelo poder dos seus rijos pulsos. Contudo, a turba-multa entusias-

mada, rompeu a cadeia da resistência e acampou como em país conquistado.

O *ring*, nessa época, era constituído pelo sólo e pelas cordas, esticadas entre os paus. O árbitro — *referee* — determinava o número de toesas que teria o rectângulo da luta. Depois, vinham os adversários, seguidos duma comitiva heterogênea, quasi teatral.

Entrou primeiro Humphries, vestido à moda do tempo, muito *chic*, de meias de seda bordadas a ouro e calções de flanela fina toda às cores.

Mendonça apresentou-se mais modesto, e com o crânio rapado, disposto a não fornecer ao adversário uma arma tão pro-



Jack Dempsey, o mais popular de todos os «boxeurs» e que se propõe reaver o título de campeão do mundo, deixado pelo abandonado Gene Tunney.

C I V I L I Z A Ç Ã O



«O muro», expressão do «box» primitivo entre portugueses

pícia para a luta, como são os cabelos. Quem primeiro golpeou foi Daniel, mas, desequilibrando-se, caiu de costas em todo o comprimento. A população ri a fartar do desastrado.

Mendonça, ao levantar-se, porque o ruído o exasperara, atacou com êxito, derrubando o inglês.

Foi um assombro! O combate, desde aí, recrudescer em ferocidade. O campeão deixou tombar toda a gama de golpes sobre os olhos, os ouvidos e a boca do semita.

Finalmente, um sóco decisivo terminou a peleja com vantagem para Humphries.

E o vencido foi, retirado para longe, receber o ar puro dos campos.

Se a reputação de Humphries ficou intacta, e a algibeira mais repleta de guinéus, o benefício moral do match coube ao anglo-luso.

Apesar do seu jogo não ter nem a elegância nem a ciência do de Humphries, mostrou-se mais brilhante, pela audácia dos seus ataques, pela boa defesa da sua guarda e pela rapidez dos seus golpes bem dirigidos.

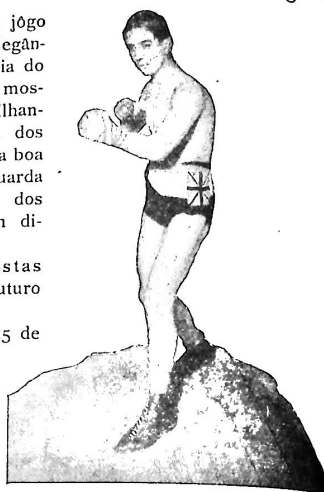
E os entusiastas chamaram-lhe futuro ídolo.

Realmente, a 15 de Abril de 1792, o campeão Big Ben Ryan era derrotado ao 9.º assalto, perdendo assim o seu título.

E o britânico não pôde, como Humphries, ditar ao seu protector este bilhete bastante irónico:

— Bati o judeu e estou bom de saúde.

R. BARRADAS



Carpentier, o famoso «boxeur» francês, durante um dos seus treinos



As raparigas de hoje acham mais elegantes as pesadas luvas de box do que as mitens de renda das suas avós. Clara Bow, a conhecida artista de cinema, é das que assim pensa



A nossa colaboradora «Rosa Silvestre» entrevistando a Doutora Maria

SABER o que pensam da Mulher portuguesa as mulheres de Portugal, é, sem dúvida um assunto cheio de oportunidade e interesse.

Resolveu, por isso, *Civilização* reunir nas suas páginas a opinião e impressões de algumas figuras femininas em destaque no nosso meio intelectual e artístico e, bem assim, a de uma senhora que viva tranqüila no âmbito limitado e sereno do lar, alheia às grandes lutas da existência, toda entregue à sua nobre missão de esposa e mãe.

Como tudo quanto pudessemos dizer sobre este tema, que tantos aspectos apresenta, resultaria sem graça, banal, — neste inquérito valorizado pela inteligência e espírito das senhoras que, tão gentilmente, quiseram responder-nos, cedemos a palavra a algumas das nossas ilustradas entrevistadas:

Doutora Maria Candida Parreira

Conversar com a distinta advogada, senhora D. Maria Candida Parreira, é ter a consoladora certeza de que uma mulher pode elevar-se intelectualmente ao nível dos grandes homens,

imprta sua inteligência e tar pelo seu talento um fôrce na jurisprudência, graciosa e simples, sem dorlaminilidade.

No seu escritório, on cesss importantíssimos trinodas e áridas, respira quillade e conforto mordauma alma de mulher, lezaa verdadeira poes

Para — todos o sab. grane poetisa.

Nste momento, porém sout lutar e vencer ouvia.

Sri, com aquêle so pre loço, que tanta v portguesissimo pela e diãos:

— mulher, em P em da a parte, deve sigo, ter consciênc verdadeiramente, ten que sua missão mais